

Tribunal de los medios

Análisis de los editoriales de Le Monde y Folha de S.Paulo

Por Vinícius Flôres y Jane Mazarino

vinidsf@gmail.com - Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil
janemazzarino@gmail.com - Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil

SUMARIO:

Este trabajo tiene como objetivo investigar y comparar la construcción de los editoriales acerca de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre el Desarrollo Sostenible, Rio+20, en los diarios Le Monde y Folha de S.Paulo. El enfoque teórico se basa en la teoría del establecimiento periodístico de temas de discusión de McCombs (2009), que determina que los medios de comunicación establecen la agenda para el público cuando destacan algunas perspectivas en vez de otras. Como método, se utiliza el análisis discursivo que mapea las voces y identifica los sentidos (Benetti, 2008). Para el análisis de los editoriales, complementariamente se empleó la lógica de Fausto Neto (1999), que permite caracterizar las voces de los periódicos y sus habilidades. La investigación y comparación de los editoriales acerca de la Conferencia Rio+20 en los diarios Le Monde y Folha de S.Paulo apuntaban la existencia de seis formaciones discursivas que determinan cómo los medios actúan como consultores en la esfera pública (Fausto Neto, 1999).

DESCRIPTORES:

Análisis discursivo, periodismo de opinión, Rio+20, Le Monde, Folha de S.Paulo

SUMMARY:

This paper aims to investigate and compare the construction of editorials about the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio+20, in the newspapers Le Monde and Folha de S.Paulo. The theoretical approach is based on the McCombs' (2009) Agenda-Setting Theory, which states that the media sets the agenda for the public when highlight some perspectives over others. As a method, it's used the French Discourse Analysis that seeks a mapping and identification of voices and senses (Benetti, 2008). Additionally the Fausto Neto's (1999) logic to characterize the voices of newspapers and their skills was used. The investigation and comparison of editorials about the Rio+20 conference in the newspapers Le Monde and Folha de S.Paulo showed the existence of six discourse formations, and the publications were manifested as consultants in the public sphere (Fausto Neto, 1999).

285

DESCRIPTORES:

Discourse Analyses, Opinion journalism, Rio+20, Le Monde, Folha de S.Paulo

1 AGENDAMENTOS DO CAMPO JORNALÍSTICO

O campo jornalístico se caracteriza como um produtor de ideologias¹ arraigadas e difundidas em suas mensagens². Na tentativa de interpretar a realidade, sugere visões de mundo aos receptores, os quais se apropriam dos temas pautados para formarem suas próprias opiniões. Esta função fica sublinhada nos espaços opinativos, sobretudo no gênero editorial, que exprime a posição do veículo de comunicação.

Este trabalho tem como objetivo investigar e comparar a construção dos editoriais sobre a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, da Organização das Nações Unidas (ONU), nos jornais *Le Monde* e *Folha de S. Paulo*. O primeiro, jornal dos intelectuais, reconhecido como um dos mais proeminentes jornais do mundo, com forte influência na Europa (Molina, 2008). O segundo, um dos maiores jornais da América Latina e o maior em circulação no Brasil, país-sede da Rio+20, com histórica participação na vida política brasileira (Pilagallo, 2012).

Os objetivos específicos são analisar e caracterizar as abordagens dos jornais (formações discursivas e vozes presentes na cobertura por meio do gênero opinativo). Tem-se como problema de pesquisa compreender quais agendamentos foram ofertados para os públicos de *Le Monde* e *Folha de S. Paulo*, de modo a enquadrar os sentidos a serem construídos pelos receptores destes jornais sobre o evento Rio+20, tendo como base a análise das formações discursivas e das vozes presentes nos editoriais sobre o desfecho do evento, materializado no Texto Final intitulado “O futuro que nós queremos”.

Para tentar compreender este processo, apresenta-se a Teoria da Agenda (McCombs, 2009), que aborda a transição de saliências entre agendas midiática e social. Seu pressuposto fundamental é que, ao enviar

mensagens para a sociedade, os veículos de comunicação ofertam a agenda dos temas a serem considerados importantes pelos seus receptores. Estas saliências são utilizadas pelo público para construir a sua própria agenda. Com o passar do tempo, a agenda da mídia se torna um balizador das agendas de uma diversidade de campos sociais.

É preciso destacar que esse processo não segue a ideia da Teoria Hipodérmica ou Teoria da Bala Mágica, a qual afirmava que uma mensagem enviada pela mídia era imediatamente aceita e espalhada pelos receptores. Portanto, os efeitos da agenda midiática nem sempre ressoam entre os receptores, o que limita este processo de legitimação de sentidos.

Prova disso, argumenta McCombs (2009), é que o escândalo Mônica Levisky, que nos anos 1990 abalou o governo Bill Clinton, nos Estados Unidos, teria se tornado o principal tópico da agenda pública. Por outro lado, apesar da ostensiva saliência imposta pela mídia americana, em nenhum momento este tema se converteu como importante para o público, segundo McCombs. Logo, existem outros fatores na recepção, como contextos sócio-histórico, cultural, econômico, político, etc., que precisam ser considerados.

Não se trata também de um procedimento de mão única. Há casos em que as agendas públicas estabelecem a agenda da mídia, movimento que o teórico denomina como agendamento reverso. Vale ressaltar que, na sociedade contemporânea há uma variedade de agendas, não se limitando às agendas pública ou midiática. Já o elo entre os efeitos da Teoria da Agenda e a posterior manifestação de opiniões sobre assuntos específicos é denominado de sugestionamento (*priming*).

Historicamente, a Teoria da Agenda convergiu com outros conceitos e teorias comunicacionais. Entre elas estão: a) a atribuição de status, considerada a primeira dimensão do agendamento, que fala da saliên-

cia crescente de uma pessoa na mídia; b) a estereotípia e construção de imagem, que engloba a saliência de atributos do objeto na mídia, instância de segunda dimensão da teoria; c) a Teoria do Gatekeeper, que descreve o processo pelo qual o jornalista determina o que deve ou não ser noticiado; d) a análise de cultivo, que examina a saliência de diferentes perspectivas do entretenimento na televisão; e) a espiral do silêncio, hipótese que examina tendências de silenciamento de vozes; f) e, por fim, o enquadramento, conceito que aborda como o conteúdo noticioso é construído (McCombs, 2009).

O uso da Teoria da Agenda se intensificou no campo teórico da comunicação a partir da década de 1970, influenciado pela publicação do artigo de McCombs e Shaw "The agenda-setting function of mass media", na revista *Public Opinion Quarterly*. Vale lembrar que outras correntes anteriormente estudariam a influência da imprensa na opinião pública.

A origem do conceito de opinião pública nasce na Grécia Antiga, conforme Barros Filho (1995). Embora Platão jamais tenha utilizado o termo, que surge com Rousseau³, a opinião dominante na ágora, espaço público onde se debatia a vida na pólis (cidade), era chamada de doxa. Para o pensador grego, tratava-se de uma ferramenta politicamente densa, mas filosoficamente frágil.

288

Primeiramente, *grosso modo*, opinião pública pressupõe assuntos que dizem respeito à sociedade. Assuntos estes, portanto, eminentemente políticos. Se a agenda da mídia infere na agenda pública, como considera a Teoria da Agenda, a opinião pública tem como objetos de referência as temáticas dos meios de comunicação de massa.

No entanto, a saliência da opinião pública não é consensual e compartilhada. Em outras palavras, não trata da reunião aditiva das opiniões individuais - estas com influência midiática. Bourdieu (2003: 236) observa que, para que isto acontecesse, seria preciso

que todos agentes tivessem opiniões individuais sobre temas políticos, ação que ele diz "ignorar as não-respostas".

Além disso, só são somáveis entidades da mesma espécie (Barros Filho&Thornton, 2002). Logo, por exemplo, em uma pesquisa de opinião pública de um instituto especializado, a categoria 'sim' na pergunta 'Você aprova o atual governo?' dispõe de múltiplas respostas, as quais possuem diferentes atributos ao objeto aferido. Do mesmo modo, essa lógica pretere outros temas ao frisar possíveis mais relevantes, em uma clara manifestação de dominância.

Assim, para Bourdieu, acreditar que opinião pública é a somatória das opiniões individuais camufla interesses políticos, o que acaba tendo influência tanto no significado atribuído às respostas quanto ao sentido dado à publicação dos resultados. Portanto, "a opinião pública na acepção implicitamente admitida por aqueles que fazem sondagens de opinião ou pelos que utilizam os seus resultados [...] não existe" (Bourdieu, 2003: 245).

Outra ideia pertinente para a compreensão da opinião é o modelo de psicologia social da Espiral do Silêncio, proposto por Elisabeth Noelle-Neumann, o qual busca investigar a influência do meio social nas pessoas. É abordado aqui o desconforto do indivíduo ao defender uma opinião não-dominante, atrelado a uma estratégia macrosociológica, que nada mais é do que o silêncio sobre essa visão (Barros Filho, 2008).

Barros Filho aponta que a obra de Alexis de Tocqueville foi a mola propulsora dos estudos de Noelle-Neumann. Em "O Antigo Regime e a Revolução"⁴, o autor descreve que a Revolução Francesa (1789-1799) foi clerical e, portanto, muitos eram a favor da igreja. Por outro lado, devido à pressão social, se silenciaram. Esta proposta não sinaliza que todos detentores de ideias minoritárias seguirão esse caminho. Contudo, com a exposição delas e o confronto com temas majoritários, tendem ao isolamento e ao posterior silên-

cio. Isto explica por que o nome da teoria traz consigo a palavra 'espiral', em referência ao movimento imposto.

O sujeito deduz que determinada ideia não será bem aceita no meio social no qual está submetido, sentimento este que Neulle-Neumann chamará de "Clima de Opinião". Para evitar o confronto, a tendência é se calar. Portanto, temas que contrariam a maioria são ofuscados. Desta forma, uma opinião minoritária tenderá a permanecer, sendo inclinada ao silêncio, explica Barros Filho (2008).

Portanto, pensando o papel do jornalismo neste contexto, pode-se dizer que a sociedade tem nos temas midiáticos subsídios para concepção de seus valores, os quais posteriormente serão expostos na esfera pública e, tendencialmente, colaborarão nasupressão de outras perspectivas, pouco legitimadas. Isso porque, atuando de maneira centralizadora, o campo jornalístico canaliza discursos de outras esferas, as quais ganham através dele notoriedade e reconhecimento das demais. Desse modo, a mídia transfere também suas ideologias ao lançar na sociedade assuntos de modo a agendá-la sobre os tópicos que considera importante.

2 MÉTODO

Para analisar comparativamente os editoriais dos jornais *Le Monde* e *Folha de S.Paulo* sobre a Rio+20, utiliza-se como método a Análise de Discurso francesa que busca um mapeamento de vozes e identificação dos sentidos (Benetti, 2008). No estudo dos sentidos é usada a proposta de identificação de formações discursivas (FD) do filósofo francês Michel Pêcheux, as quais remetem a uma área de sentidos nucleares. Os elementos constituintes de uma FD são as sequências discursivas (SD), que correspondem aos trechos recortados para análise.

O pensamento do filósofo está muito atrelado ao pensamento marxista de ideologia e luta de classes. Neste sentido, Pêcheux opera conforme a linha

marxista da contradição, que afirma que uma ideologia só existe sob a ótica da divisão, por onde ela vem a se organizar e a lutar com aquelas que lhes são contrárias. Em outras palavras, por buscar o cerne de um discurso, este tipo de análise baseia-se em sentidos heterogêneos, por vezes, dicotômicos.

Já no estudo das vozes parte-se das noções de locutores e enunciadoreos do linguista francês Oswald Ducrot. O locutor é quem fala e pode ser identificado como autor do enunciado. No jornalismo, o locutor que mais se destaca é o próprio jornalista. No caso dos editoriais, é o veículo de comunicação. Contudo, outros locutores são percebidos no texto jornalístico, os quais são conhecidos como fontes. Os discursos destes podem estar explicitamente destacados, por meio de aspas, ou implicitamente na voz do jornalista. Por sua vez, o enunciador é o lugar de onde se fala. Desta forma, um único locutor pode apresentar diferentes pontos de vista em um determinado enunciado.

Para a análise dos editoriais, será empregada complementarmente a lógica de Fausto Neto (1999) que permite caracterizar as vozes dos jornais e suas competências presentes neste gênero jornalístico. Em estudo sobre a temática da AIDS na mídia impressa, o autor elenca três competências discursivas: a voz avaliativa, presente em expressões que atribuem valor e julgamento; a voz programativa, com marcas discursivas com a pretensão de agendar e realçar aspectos, operando como um "consultor a outros setores da esfera pública" (1999: 83); e a voz sentenciadora, que coloca os jornais na posição de um tribunal.

O presente trabalho faz parte de um estudo mais amplo (Flôres, 2013), o qual analisou com uma abordagem quanti-qualitativa 206 notícias publicadas pela *Folha de S.Paulo* e 33 veiculadas no *Le Monde*, durante o mês de junho de 2012. Destaca-se, por fim, que os grifos presentes nas análises seguintes são dos autores.

3 ANÁLISE

Cada jornal publicou um editorial sobre o desfecho da Rio+20. Na Folha de S.Paulo foi escolhido 'Adeus, Rio' (Figura 1), presente em 16% da página A2 na editoria Opinião, no canto inferior esquerdo, da edição do dia 21 de junho de 2012, dois dias antes do término do evento. No Le Monde, foi coletado 'Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante' (Figura 2), localizado

no centro da capa da edição de sábado, presente em aproximadamente 30% da página da edição do dia 23 de junho de 2012, dia do fim da conferência. Em comum, ambos falaram do desfecho da Rio+20 e seus resultados, transcritos nas páginas do Texto Final.



Figura 1 - Página A2 da Folha de S.Paulo do dia 21 de junho de 2012



Figura 2- Capa do jornal Le Monde do dia 23 de junho de 2012

3.1 Os SENTIDOS NOS EDITORIAIS

A investigação e a comparação dos editoriais sobre a conferência Rio+20 nos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo apontaram a existência das formações discursivas Sucesso, Fracasso, Esperança, Desesperança, Competência e Incompetência ofertados pelo processo de agendamento, além da presença de cinco vozes com os respectivos enunciadores, conforme segue abaixo.

1) FORMAÇÃO DISCURSIVA 1 (FD1) – SUCESSO

Os textos abaixo, constituintes da FD1, conferem um mapeamento do núcleo temático Sucesso nos dois editoriais. Em ambos os casos, a relação do êxito tem vínculo com o governo do Brasil. Na Folha de S.Paulo (L1), a característica fica para a inserção de vozes do Governo Brasileiro (L2). Já em Le Monde (L4), o jornal direciona uma conclusão sobre o país enquanto organizador.

Na Sequência discursiva (SD) 1, a Folha de S.Paulo destaca as falas do Governo Brasileiro sobre o resultado da conferência, sobretudo ao utilizar o termo “só”,

indicando ser este o único ator com essa percepção, o que enfatiza o potencial argumentativo do enunciado⁶. Por conseguinte, o Governo Brasileiro ganha voz novamente na SD2, com sua fala sendo criticada pelo jornal brasileiro, o qual classifica a visão do Governo Brasileiro como “um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria”. Como pode-se observar, no mesmo embalo o periódico acrescenta sua concepção sobre diplomatas, principais agentes nas negociações que aconteceram durante todo o evento.

Na SD3, Le Monde identifica o único vencedor após as negociações, portanto o único a ter Sucesso: o Brasil. Esta informação é reiterada na SD4, sem o peso crítico visto no impresso brasileiro ou mesmo nas aparições de vozes do Governo Brasileiro. Neste caso o jornal francês é mais sutil, se comparado ao brasileiro. Le Monde comunica, ao sublinhar que o objetivo do Governo Brasileiro era chegar a um acordo, entre outras coisas, que o foco não era o avanço em metas e tratados, mas sim que os negociantes chegassem a um consenso, não importando qual. Por

Vozes FDs	Folha de S.Paulo			Le Monde	
	Folha de S.Paulo (L1)	Governo Brasileiro (L2)	Secretário-geral da ONU (L3)	Le Monde (L4)	Réseau Action Climat (L5)
Sucesso					
Fracasso					
Esperança					
Desesperança					
Competência					
Incompetência					

Quadro 1 – Mapeamento das vozes com formações discursivas no gênero opinativo⁵

isso ressaltam que, enquanto o Brasil teve Sucesso, o planeta não.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD1 - Só o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça "O Futuro que Queremos" como "vitória" e "avanço". (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD2 - Mas falar em texto "estupendo" é um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD3 - No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: há um vencedor, o Brasil, e um perdedor, o planeta. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)⁷
- SD4 - O país anfitrião, o Brasil, pode-se dizer, "alcançou suas metas". Seu objetivo era chegar a um acordo. Ele conseguiu. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)⁸

292

Observa-se, portanto, que o sentido nuclear de Sucesso se apresenta em marcas discursivas relacionadas ao Governo Brasileiro. Este é apresentado sempre como organizador da conferência. Na Folha de S.Paulo, percebe-se um distanciamento crítico do jornal quanto à posição do Governo Brasileiro, carregada da FD1. Já Le Monde delinea uma reprovação sutil, com base em um certo tom irônico, o que fica evidente na SD4.

2) FORMAÇÃO DISCURSIVA 2 (FD2) – FRACASSO

Dicotômico do anterior, a FD2 Fracasso também surge em ambos os jornais. Na SD5, os termos sub-

linhados remetem às vozes avaliativa e sentenciadora da Folha de S.Paulo quanto ao evento. Isto vem a se repetir na SD6, quando a Folha de S.Paulo afirma não haver "palavra mais apropriada que 'fracasso' para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi evitar um retrocesso de duas décadas".

Enquanto que a FD1 Sucesso aparece na voz do Governo Brasileiro, na FD2 a Folha de S.Paulo destaca com voz sentenciadora que "só" o Governo Brasileiro enxergou com êxito o resultado da Rio+20, portanto, dúvida da capacidade avaliativa deste locutor, sublinhando, ainda, a sua posição oposta enquanto enunciador. Na SD8, Le Monde afirma que o planeta sai perdendo com o fracasso em relação às negociações na conferência. Neste mesmo enunciado está presente a avaliação positiva do evento pela organização do Brasil.

O jornal francês, ao classificar como "retumbante fracasso" o encontro da Cúpula de Copenhague sobre o Clima, sugere que a Rio+20 caminha para o mesmo caminho e, com isso, adquire também o espectro negativo do evento anterior. Esse mesmo espírito aparece na SD10, em voz sentenciadora, que se refere ao desenrolar do processo de governança e as tentativas de passos maiores nas negociações. Nota-se aqui a presença da voz programativa do veículo (SD11).

Por fim, Le Monde sentenciar que o resultado é "cruel", com os "pesados desafios da crise ecológica" postergados. A seguir o sentimento da FD2 Fracasso é reiterado, com a referência a um alívio "covarde" no término das negociações, por parte dos chefes de Estado, e a falta de previsão de um próximo encontro sobre o tema.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD5 - Malogrou a Rio+20. Não há outra forma de descrever o resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião: A2, 21 jun.

2012)

- SD6 - Não se encontra palavra mais apropriada que “fracasso” para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi evitar um retrocesso de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD7 - Só o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça “O Futuro que Queremos” como “vitória” e “avanço”. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD8 - No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: há um vencedor, o Brasil, e um perdedor, o planeta. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)
- SD9 - Porque três anos após o retumbante fracasso da Cúpula de Copenhague sobre o clima, é o próprio planeta que está perdendo neste acordo mínimo. E pelas mesmas razões. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)⁹
- SD10 - Foi tudo em vão: as nações solicitadas se fizeram de surdas. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹⁰
- SD11 - O balanço é portanto cruel: os pesados desafios da crise ecológica são contornados. E os chefes de Estado poderão se deixar levar por um alívio covarde pois a agenda internacional não prevê mais nenhum encontro sobre o tema. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹¹

Em suma, os dois jornais assumem as marcas discursivas relativas à FD2 Fracasso. A palavra que dá nome a esta categoria surge tanto no editorial da

Folha de S.Paulo (SD6), quanto no texto de Le Monde (SD9). A primeira se referindo explicitamente ao evento realizado no Brasil; a segunda comparando a Rio+20 com uma conferência que terminou de maneira semelhante. Em comum, ambos os jornais fazem o balanço por essa ótica.

3) FORMAÇÃO DISCURSIVA 3 (FD3) – ESPERANÇA

Os enunciados que seguem dizem respeito à FD3 Esperança. Diferente das anteriores, as quais aparecem predominantemente em vozes avaliativas e sentenciadoras, aqui a temática nuclear toma corpo na voz programativa com ambos jornais apontando para direções a serem seguidas. Na SD12, a Folha de S.Paulo aponta uma alternativa a ser seguida, o que pressupõe Esperança. O mesmo ocorre em SD13, em Le Monde.

Na SD14, a Esperança é invocada pelo desapontamento da Réseau Action Climat (L5) estar relacionado possivelmente a um resquício de esperança anterior ao desfecho da conferência. No mesmo enunciado, o jornal Le Monde entende a manifestação de L5 como “compreensível”, o que leva à hipótese de que, sim, este também teve esperança de um resultado diferente ao se solidarizar com a associação de ONGs.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD12 - Seria bem mais promissor delegar a formulação de soluções para quem realmente conta, econômica e ambientalmente: EUA, UE, Brasil, China, Índia e Rússia. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD13 - Para avançar, de fato, as negociações climáticas multilaterais precisam de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun.

293

2012)¹²

- SD14 - Mas a “profunda decepção”, quem sabe até mesmo “raiva”, da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é compreensível. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹³

De modo tímido, FD3 Esperança aparece somente em três enunciados. Em comum, ambos os jornais utilizam a voz programativa para apontar caminhos melhores no processo de governança. Coincidentemente ou não, os dois jornais possuem discursos que se assemelham. No periódico brasileiro, a resolução dos problemas deveria ser delegada para países de grande capital econômico e ambiental. O mesmo observa-se no francês, com adendo da importância de financiamentos.

4) FORMAÇÃO DISCURSIVA 4 (FD4) – DESESPERANÇA

Em primeiro lugar, sublinha-se aqui que Desesperança carrega consigo certo temor, sentimento este antagônico à Esperança. Dito de outro modo, assim como a Esperança é a roda que mantém o indivíduo em busca de determinado objetivo, o temor é o freio que paralisa o sujeito em relação a certo objeto.

Se Esperança aparece em proposições das mídias impressas, Desesperança surgirá baseada em pressuposições. Assim, com uso de voz sentenciadora, a Folha de S.Paulo infere na SD15 que os negociadores apelarão nos próximos dias para “discursos pomposos” que terminarão em uma “declaração inócua”. Aqui o jornal utiliza dois sintagmas¹⁴, onde “pomposos” é um modificador realizante de “discursos” e “inócua” é modificador desrealizante¹⁵ de “declaração”, termos utilizados talvez sarcasticamente pelo veículo.

O tom sentenciador retorna na SD16, com “ninguém” operando de forma argumentativa questionável, porém retoricamente contundente. Em outras palavras, o jornal não dispõe de uma ferramenta qualita-

tiva para prever que nenhum ator da ONU flerta com outras propostas de governança.

Em Le Monde é julgado o resultado da conferência como previsível na SD17. Na SD18, o jornal aponta mecanismos para o triunfo da governança, desacreditando logo em seguida ao ressaltar a ausência dos mesmos. Sobre os negociantes, destaca-se na SD19 o descrédito na questão ambiental para com os principais países no mundo. Isto vem a se repetir na SD20, ao abordar o continente europeu nas negociações.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD15 - Entre hoje e amanhã, eles devem limitar-se a fazer discursos pomposos e cancelar uma declaração inócua. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD16 - Mas desse futuro ninguém na ONU quer saber. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD17 - Como ninguém esperava um milagre, essa falta de ambição não surpreende. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹⁶
- SD18 - Para avançar, de fato, as negociações climáticas multilaterais precisam de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. Ambos estão em falta hoje em dia. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹⁷
- SD19 - Não havia muito a esperar dos Estados Unidos, que nunca estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. Também não do Canadá, que compartilha esta atitude muito conservadora. Não mais da China e da Índia, que têm sido notavelmente discretas. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la

planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹⁸

- SD20 - A Europa, em particular, parece ter abandonado qualquer tentativa de liderança nesse tema. Atolada na crise na zona do euro, paralisada pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou isolada nas negociações. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)¹⁹

Presente nos dois veículos, a voz sentenciadora opera em todas as sequências discursivas da FD4 Desesperança. Além disso, a voz avaliativa ganha espaço em Le Monde, mais especificamente nas SD19 e SD20. Destaca-se ainda a grande presença de sequências discursivas de Le Monde na FD4. Nas anteriores, observa-se um equilíbrio nos enunciados entre os veículos.

5) FORMAÇÃO DISCURSIVA 5 (FD5) – COMPETÊNCIA

Os trechos que seguem dizem respeito à FD5 Competência. No entendimento da Folha de S.Paulo, o Governo Brasileiro foi competente ao evitar um “fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague”. Como visto anteriormente, na SD9 da FD2, Le Monde considera que a conclusão da conferência foi tão desastrosa quanto o evento da Dinamarca. Portanto, há uma divergência entre os jornais.

Na SD21, Le Monde apresenta FD5 Competência ao expor que o Brasil alcançou seus objetivos organizacionais do evento. Reconhece-se que este mesmo enunciado emergiu na FD1 Sucesso, o que evidencia a complexidade e a comunicabilidade entre as categorias temáticas desta análise.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD21 - O Itamaraty pode ter evitado um fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou incapaz de produzir uma declaração conjunta.(Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”,

editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD22 - O país anfitrião, o Brasil, pode-se dizer, “alcançou suas metas”. Seu objetivo era chegar a um acordo. Ele conseguiu. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

Na FD5, o sentido da Competência emerge por razões que se assemelham, já que em ambas falam sobre o Governo Brasileiro enquanto organizador do evento. Na Folha de S.Paulo, o país evitou um “fiasco” maior. Já em Le Monde concluiu sua meta que era chegar a um acordo, independente qual fosse. Assim, os dois enunciados são construídos de forma que a Competência é reconhecida, na voz avaliativa, porém sua fragilidade é salientada.

6) FORMAÇÃO DISCURSIVA 6 (FD6) – INCOMPETÊNCIA

Os jornais falam em seus editoriais com maior volume de enunciados na FD6 Incompetência. Na SD23, a Folha de S.Paulo afirma que o “mérito maior” da Rio+20 foi “evitar um retrocesso de duas décadas”, o que reitera a incapacidade dos negociantes em chegarem a um consenso promissor. Para reforçar seu ponto de vista, o jornal faz uso na SD24 de escala argumentativa²⁰.

A Incompetência vem novamente na SD25, com destaque para a palavra “incapaz”. Nesta, o jornal brasileiro critica outro evento semelhante por sua incapacidade de “produzir uma declaração conjunta”. A crítica parte então para o Governo Brasileiro na SD26, destacando que os esforços se resumiram em apenas terminar o documento. Na SD27, FD6 Incompetência aparece quando o jornal lembra que os agentes do evento terão de se contentar com o que produziram. Da mesma forma, com tom programativo, a Folha de S.Paulo cita que as negociações terminam sempre nos mesmos embates na SD28.

295

O sentido nuclear de Incompetência também surge no editorial de Le Monde, porém com menos intensidade quantitativa. Na SD29, o jornal aponta que os Estados Unidos “nunca” estiveram na frente de questões ambientais, sendo que o mesmo é lembrado do Canadá, o qual julga compartilhar “esta atitude muito conservadora”. Nessa situação o jornal se utiliza das vozes avaliativa e sentenciadora.

Já na SD30, as estratégias semânticas sugerem que os esforços para mudança não foram vitoriosos, o que aponta para uma Incompetência por parte dos países presentes. Assim também ocorre na SD31, quando o jornal sublinha o enfraquecimento no processo de governança da Europa. Por fim, Le Monde ressalta a “inação” dos negociantes na SD32.

A) FOLHA DE S.PAULO

- SD23 - Não se encontra palavra mais apropriada que “fracasso” para qualificar uma reunião cujo mérito maior foievituar um retrocesso de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD24 - Até o comedido Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, permitiu-se afirmar que desejava um documento final mais ambicioso. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD25 - O Itamaraty pode ter evitado um fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou incapaz de produzir uma declaração conjunta.(Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD26 - Todo o esforço da representação brasileira foi fechar um documento de consenso antes da chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem.(Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
- SD27 - Tiveram de contentar-se com a manutenção do princípio -velho de 20 anos- das “responsabili-

dades comuns porém diferenciadas” (ricos e desenvolvidos devem investir mais e transferir tecnologia para combater os males do ambiente global) e com um grupo de trabalho sobre o assunto.(Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

- SD28 - Como no caso da negociação sobre mudança do clima, as idas e vindas desembocam sempre nosmesmos impasses. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

B) LE MONDE

- SD29 - Não havia muito a esperar dos Estados Unidos, que nunca estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. Também não do Canadá, que compartilha esta atitude muito conservadora. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)
- SD30 - Foi tudo em vão: as nações solicitadas se fizeram de surdas.(Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)
- SD31 - Atolada na crise na zona do euro, paralisada pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou isolada nas negociações. Privada de seu poder de influência, ela se mostrou incapaz de elaborar um texto final que reafirme resultados e compromissos de longa data e não formula praticamente nenhuma nova proposta concreta. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)²¹
- SD32 - Eles não estão próximos de serem novamente interpelados por sua inação.(Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)²²

Observa-se aqui uma aproximação maior da relação entre os atores negociantes da conferência e a aval-

iação pela Incompetência feita por ambos os jornais do que entre quaisquer outros aspectos analisados. Assim, para os veículos, o documento é resultante da Incompetência dos países participantes. Novamente, as vozes avaliativa e sentenciadora se fazem presentes. O tom programativo é visto no jornal brasileiro.

3.2 AS VOZES NOS EDITORIAIS

Por se tratar do gênero jornalístico editorial, o qual expressa a opinião da empresa jornalística sobre determinada temática, neste caso o resultado da Rio+20, o locutor predominante no discurso necessariamente tem de ser o próprio veículo. Assim, Folha de S.Paulo e Le Monde representam grande parte das vozes dos dois editoriais.

A) FOLHA DE S.PAULO

LOCUTOR 1 (L1) – FOLHA DE S.PAULO

A voz da Folha de S.Paulo guia todo texto. Este locutor se utiliza prioritariamente das vozes avaliativa (itens 1, 2, 3, 4 e 5) e sentenciadora (itens 1, 3, 4 e 6). Já a voz programativa aparece apenas no item 7.

Prioritariamente, FD6 Incompetência aparece na perspectiva sentenciadora do locutor, com uma menção pela FD2 Fracasso. Logo, quando a Folha de S.Paulo se posiciona enquanto enunciador para julgar negativamente o Texto Final, sentenciar marcas discursivas com sentidos nucleares referentes a estas formações discursivas. Entre elas, se destacam as expressões “Não há outra forma”, “se mostrou incapaz”, “Todo o esforço [...] foi fechar um documento” e “O produto mais evidente”.

A voz avaliativa é outra com grande destaque no jornal brasileiro. Entre as marcas destes enunciados, destacam-se adjetivações como “malogrou”, “fracasso”, “fiasco”, “incapaz”, “pomposos”, “inócua”, “velho”, entre outros. A Folha de S.Paulo também se utiliza do espaço para inserir uma avaliação da postura do Governo Brasileiro (itens 3 e 4).

Parte de suas estratégias de enunciação emerge da FD2 Fracasso, como nos itens 1 e 2, e parte ressalta a FD6 Incompetência, como nos itens 3, 4 e 5. Assim, ao atribuir valor relacionado à Rio+20, a Folha de S.Paulo utiliza da ótica de um enunciador que vê este processo de maneira negativa. Por fim, a voz programativa é evocada, no item 7, ao conjecturar caminhos para o problema levantado, com uma ponderação final baseada na FD4 Desesperança.

1. Malogrou a Rio+20. Não há outra forma de descrever o resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
2. Não se encontra palavra mais apropriada que “fracasso” para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi evitar um retrocesso de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
3. “O Itamaraty pode ter evitado um fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou incapaz de produzir uma declaração conjunta”. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
4. Todo o esforço da representação brasileira foi fechar um documento de consenso antes da chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem. Entre hoje e amanhã, eles devem limitar-se a fazer discursos pomposos e cancelar uma declaração inócua. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
5. Tiveram de contentar-se com a manutenção do princípio -velho de 20 anos- das “responsabilidades comuns porém diferenciadas” (ricos e desenvolvidos devem investir mais e transferir tecnologia para combater os males do ambiente global) e com um grupo de trabalho sobre o assunto. (Folha de S.Paulo,

“Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

6. O produtomais evidente da Rio+20, ao final, talvez seja o esgotamento da via multilateral para concertar decisões de governos nacionais quanto a questões globais complexas. “Como no caso da negociação sobre mudança do clima, as idas e vindas desembocam sempre nos mesmos impasses. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)
7. Seria bem mais promissor delegar a formatação de soluções para quem realmente conta, econômica e ambientalmente: EUA, UE, Brasil, China, Índia e Rússia. Mas desse futuro ninguém na ONU quer saber. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

Desta forma, observa-se que a Folha de S.Paulo discursa no editorial com base em um enunciador que parte quase que unanimemente da perspectiva negativa do evento, o que se avalia a partir dos sentidos nucleares apontados acima. Há ainda inferências que colocam a Folha de S.Paulo como mentor de um fazer ambiental, isento dos problemas que este mesmo levanta, com uma seguinte retomada para o enunciador anterior.

LOCUTOR 2 (L2) – GOVERNO BRASILEIRO

298

Embora citado em *Le Monde*, o Governo Brasileiro só ganha voz explícita no editorial da Folha de S.Paulo. No primeiro item, a avaliação sobre o Texto Final é destacada entre aspas nas palavras “vitória” e “avanço”. O mesmo ocorre no item 2, quando “estupendo” é enfatizado. Em ambos enunciados, L2 é apresentado, enquanto enunciador, na posição de organizador do evento que analisa o desfecho de maneira positiva, postura sublinhada no item 1.

1. Só o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça “O Futuro que Que-

remos” como “vitória” e “avanço”. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

2. Mas falar em texto “estupendo” é um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

O locutor se utiliza da voz avaliativa nos enunciados ao qualificar por meio da FD1 Sucesso o resultado da conferência, fato sublinhado na adjetivação utilizada. Destaca-se ainda que suas falas surgem para serem avaliadas pela Folha de S.Paulo. Desta forma, a construção semântica indica circunstâncias da enunciação que inclinam o interlocutor a atribuir o sentido oposto concluído pelo Governo Brasileiro, já que o enunciado deixa claro que se trata do único locutor que compreende o Texto Final desta forma. Com isso, o encadeamento argumentativo aqui é construído com suporte no advérbio de exclusão “só”, no item 1, e conjunção coordenativa adversativa “mas”, no item 2.

LOCUTOR 3 (L3) - BAN KI-MOON, SECRETÁRIO-GERAL DA ONU

No caso de Ban Ki-moon, a única ocorrência também foi no editorial da Folha de S.Paulo. Ela ocorre dentro da fala da Folha de S.Paulo, quando este se apropria do discurso de Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, para endossar sua própria opinião, destacada em amostras anteriores. Portanto, o potencial argumentativo do jornal brasileiro é elevado com “até”, no início do enunciado seguinte. Esta escala argumentativa oriunda de dois argumentos, dos quais o último reitera o anterior oferecendo mais força para essa conclusão.

1. Até o comedido Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, permitiu-se afirmar que desejaria um documento final mais ambicioso. (Folha de S.Paulo, “Adeus, Rio”, editoria Opinião: A2, 21 jun. 2012)

Assim, considera-se que Ban Ki-moon se utiliza da voz avaliativa, a qual bebe da FD6 Incompetência, para inferir em seu enunciado. Por fim, vale destacar que a expressão “permitiu-se” implicitamente remete à posição de organizador do evento de Ban Ki-moon. Ela induz que, independente do seu cargo, o locutor vê o Texto Final da Rio+20 por um enunciador com olhar crítico, o que não foi visto nas falas do Governo Brasileiro (L2), por exemplo.

B) LE MONDE

LOCUTOR 4 (L4) – LE MONDE

Assim como ocorreu no editorial da Folha de S.Paulo, no caso de Le Monde ele é o principal locutor, o que já era esperado devido à natureza do gênero jornalístico analisado. Nas estratégias de enunciação apuradas, observa-se uma forte tendência no uso de vozes avaliativa (itens 2, 3, 5 e 7) e sentenciadora (itens 1 e 6).

A voz programativa aparece no item 4, quando o jornal propõe uma solução para a ineficiência do processo de governança. Esta está carregada da FD3 Esperança, sendo a única menção no discurso. Os demais enunciados revelam marcas discursivas presentes nas FD2 Fracasso (itens 1, 3 e 6), FD3 Esperança (item 4) e FD4 Desesperança (itens 2, 5 e 7).

A voz sentenciadora parte prioritariamente da ótica da FD2 Fracasso (itens 1 e 6) e FD4 Desesperança (itens 2 e 5). A exceção fica no item 1, quando o jornal também julga pela perspectiva da FD1 Sucesso ao falar, implicitamente, da organização por parte do Governo Brasileiro como vencedora. Neste enunciado também emerge uma voz avaliativa, presente nas FD1 e FD2.

1. No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: há um vencedor, o Brasil, e um perdedor, o planeta. Constatação rude, vinte anos após a em-

blemática Cúpula da Terra (Eco-92), que, na mesma cidade, lançou as bases para uma política de desenvolvimento preocupada com a preservação dos recursos do planeta. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)²³

2. Mais isso se fez por baixo, simplesmente removendo todas as partes do projeto de declaração final que suscitavam oposições. E mantendo apenas as petições de princípio gerais e consensuais. Como ninguém esperava um milagre, essa falta de ambição não surpreende. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)²⁴

3. Mas a “profunda decepção”, quem sabe até mesmo “raiva”, da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é compreensível. Porque três anos após o retumbante fracasso da Cúpula de Copenhague sobre o clima, é o próprio planeta que está perdendo neste acordo mínimo. E pelas mesmas razões. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

4. Para avançar, de fato, as negociações climáticas multilaterais precisam de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. Ambos estão em falta hoje em dia. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

5. Não havia muito a esperar dos Estados Unidos, que nunca estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. Também não do Canadá, que compartilha esta atitude muito conservadora. Não mais da China e da Índia, que têm sido notavelmente discretas. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

6. Quanto aos países do Sul, agrupados no “G77”, eles tentaram um golpe de força, na véspera da conferência, exigindo dos países ricos o comprometimento de colocar na mesa 30.000 milhões de dólares por

ano até 2017 e mais 100 bilhões para financiar novos programas. Foi tudo em vão: as nações solicitadas se fizeram de surdas. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)²⁵

7. A Europa, em particular, parece ter abandonado qualquer tentativa de liderança nesse tema. Atolada na crise na zona do euro, paralisada pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou isolada nas negociações. Privada de seu poder de influência, ela se mostrou incapaz de elaborar um texto final que reafirme resultados e compromissos de longa data e não formula praticamente nenhuma nova proposta concreta. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

Portanto, pode-se dizer que Le Monde fala por distintos enunciadores, conforme o sentido nuclear impregnado em cada enunciado. Em outras palavras, compreende-se a fala de Le Monde enquanto um chancelador de sentidos, sublinhado nas vozes avaliativa e sentenciadora, mas também como uma espécie de guru ao dar ênfase a um determinado modo de agir na voz programativa.

Locutor 5 (L5) – Réseau Action Climat

O último locutor verificado nos editoriais é a Réseau Action Climat²⁶. A voz dessa associação é inserida no enunciado abaixo como avaliador do desfecho da conferência. Entre os destaques, “profunda decepção” e “raiva” aparecem como sentimentos que emergem após o fracasso em relação ao processo de governança dos países participantes.

1. Mas a “profunda decepção”, quem sabe até mesmo “raiva”, da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é compreensível. (Le Monde, “Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante”, capa, 23 jun. 2012)

Observa-se que Réseau Action Climat fala, conforme os destaques entre aspas, na posição de uma entidade cujo capital socioambiental é traduzido no número expressivo de ONGs que ela representa na França, dialogando como enunciador reducionista da conferência na FD2 Fracasso. Por conseguinte, Le Monde avalia as marcas discursivas de L5 para afirmar que se trata de uma atitude “compreensível”, o que demonstra uma reiteração do enunciador.

4 DISCUSSÃO

Como o gênero jornalístico editorial pressupõe, Folha de S.Paulo (L1) e Le Monde (L4) são os locutores mais presentes na análise. Conseqüentemente, suas falas contêm um número maior de FDs. Ambos se utilizam enquanto enunciadores da função de avaliadores, consultores ou mesmo juizes da esfera pública, julgando, sentenciando e chancelando nesse processo os sentidos quase que unanimemente negativos sobre o Texto Final. Já Governo Brasileiro (L2), Ban Ki-moon (L3) e Réseau Action Climat (L5) aparecem nos textos de modo secundário. L2 e L3 são organizadores do evento enquanto enunciadores. No primeiro, percebe-se o uso da FD1 Sucesso na sua avaliação. Já Ban Ki-moon vê pela FD6 Incompetência o desfecho da conferência. E L5 entende a conferência por meio da FD2 Fracasso.

Além disso, observa-se a presença do terceiro setor apenas no Le Monde. Esta mesma perspectiva foi detectada por Alcaraz (2012) em estudo sobre a midiatização do tema mudanças climáticas em 2010 em jornais de Rosário, na Argentina. Os setores locais são representados como meros espectadores dos debates em torno da problemática. Para ele, um dos fatores deste distanciamento discursivo imposto é que eventos que discutem o tema acontecem longe geograficamente das comunidades. Contudo, aponta-se que o fator geográfico está cada vez mais desmis-

tificado graças às novas tecnologias.

Com base no modelo da Espiral do Silêncio, pode-se afirmar que estas vozes impõem suas óticas baseadas nas formações discursivas vistas até aqui, o que corrobora para omissão de outras perspectivas discursivas. Embora não gere automaticamente uma opinião pública, geral e uniforme, desconstruída pela acepção bourdieusiana, estas saliências ofertadas estão presentes em banquetes valorativos sobre a conferência Rio+20, oferecidos através do processo de agendamento pelos dois jornais analisados. Estes funcionam como chanceladores de sentidos ao realçarem marcas discursivas em detrimento de outras, ou mesmo enquanto consultores da esfera pública, conforme Fausto Neto (1999).

No jornal brasileiro, aparecem duas vozes de membros da organização da conferência – ambas com uso da voz avaliativa. Uma analisando o desfecho positivamente e outra negativamente. Pode-se dizer que o editorial buscou uma certa pluralidade, apesar de sua fala ser predominante em toda oferta. Já Le Monde inclui um ator especialista da área ambiental, também com voz avaliativa reducionista da conferência na formação discursiva Fracasso.

Dito isto, observa-se que os enquadramentos dados pelos enunciadores elencados acima atribuem os sentidos nucleares negativos do evento aos diplomatas que negociavam na conferência, destacando os conflitos no processo de governança e o ceticismo nas propostas econômicas. Assim, uma corresponsabilidade da questão ambiental não é percebida nos discursos dos locutores, sejam eles jornais, autoridades ou especialistas com considerável capital socioambiental. Vale ressaltar que aspectos positivos raramente foram atribuídos à conferência. Quando são, partem de enunciadores que falam enquanto organizadores do evento.

Quanto às formações discursivas, observa-se que Incompetência teve mais aparições em ambos jor-

nais, com maior presença no jornal brasileiro. Fracasso é a segunda FD mais ofertada com superioridade no Le Monde. Na sequência aparecem Desesperança, Sucesso, Esperança. Entre os veículos, o sentido nuclear menos presente é de Competência. Estes aspectos positivos, quando se faz uma quantificação do número de abordagens, soma-se aproximadamente um terço das aparições em ambos os jornais.

Assim, pode-se inferir que o enquadramento geral dado nas coberturas analisadas tratou de ressaltar os aspectos negativos da conferência, embora haja reconhecimento de elementos positivos que poderão ser aperfeiçoados futuramente. Esta homogeneidade de pontos de vista foi verificada também por Berger (2006), em estudo sobre as vozes e formas de nomeação destas pela cobertura do jornal Zero Hora na invasão dos laboratórios de mudas da Aracruz, no Rio Grande do Sul. Para a autora, a produção noticiosa condicionou o modo de ver o acontecimento por não tratar de ouvir as fontes independentes envolvidas no caso.

Por fim, conclui-se que o campo jornalístico se caracteriza como um tribunal midiático, responsável por difundir ideologias na sociedade. Isto fica sublinhado ao se perceber que ocupa o espaço canalizador de discursos de outras esferas, como pode ser visto nos editoriais analisados, as quais através dele ganham reconhecimento das demais. Os discursos jornalísticos são uma referência importante por serem representantes de uma certa “realidade”, inclusive no texto opinativo, o que significa que os leitores de ambos os jornais tiveram nos editoriais da conferência Rio+20 subsídios para construção de suas opiniões e identidades, as quais posteriormente puderam ser agregadas em suas manifestações no espaço público.

NOTAS

1. A sociedade oferta as ferramentas para articulação da matéria-prima semiótica utilizada na linguagem. Ou seja, o sentido de todo signo é uma construção social de agentes que divergem e convergem. Sendo assim, todo signo é ideológico. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda a palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” (Bakhtin, 2002, pág. 36).
2. Utiliza-se aqui o conceito de campo de Pierre Bourdieu, que surge nas Ciências Sociais no final dos anos 1970. Bourdieu entende os campos sociais como espaços de relações sociais, possuidores de regras e capitais próprios. Todo campo é constituído por dominantes, dominados e pretendentes. (Bourdieu, 2003)
3. “Embora haja registros na literatura através de Shakespeare e Montaigne, o primeiro filósofo a servir-se do termo com pretensões conceituais foi Rousseau. Para ele, o Estado se estrutura em três tipos de leis: o direito público, o privado e o civil. Além dessas há uma quarta, a mais importante, que não está gravada em mármore e bronze e sim no coração dos cidadãos; uma verdadeira constituição do Estado cuja força se renova a cada dia, que dá vida às outras leis e as substitui quando envelhecem ou desaparecem. Refiro-me à moral, aos costumes e, sobretudo, à opinião pública.” (Barros Filho, 1995: 217)
4. A França antes e depois da Revolução Francesa é descrita e investigada na obra, publicada em 1856, por Alexis de Tocqueville (Barros Filho, 2008).
5. (L1) Folha de S.Paulo, (L2) Governo Brasileiro, (L3) Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, (L4) Le Monde e (L5) Réseau Action Climat.
6. Segundo Ducrot (Flores, 2009), potencial argumentativo é um conjunto de enunciados que pode servir de conclusão para um argumento.
7. Tradução nossa. Original: “Au moment où elle s’achève à Rio de Janeiro, le bilan de la conférence des Nations unies sur le développement durable peut se résumer de manière simple: il y a un gagnant, le Brésil, et une perdante, la planète.”
8. Tradução nossa. Original: “Le pays hôte, le Brésil, a “réussi son coup”, si l’on ose dire. Son objectif était de parvenir à un accord. Il l’a obtenu.”
9. Tradução nossa. Original: “Car, trois ans après l’échec re-tentissant du sommet de Copenhague sur le climat, c’est bien la planète qui est perdante dans cet accord a minima. Et pour les mêmes raisons.”
10. Tradução nossa. Original: “Ce fut peine perdue: les nations sollicitées ont fait la sourde oreille.”
11. Tradução nossa. Original: “Le bilan est donc cruel: les lourds enjeux de la crise écologique sont esquivés. Et les chefs d’Etat pourront d’autant mieux se laisser aller à un lâche soulagement que l’agenda international ne prévoit plus aucun rendez-vous en la matière.”
12. Tradução nossa. Original: “Pour avancer, en effet, les négociations climatiques multilatérales ont besoin de deux moteurs: un groupe de pays leaders et des financements qui témoignent de leur détermination.”
13. Tradução nossa. Original: “Mais la “profonde déception”, voire la “colère”, du Réseau Action Climat, qui regroupe quelque 600 ONG écologistes dans le monde, est compréhensible.”
14. Combinação de duas unidades linguísticas em que uma, na função de determinante, cria um elo de subordinação com outra, segundo Ducrot (Flores, 2009).
15. Palavra ou expressão que, aplicada a outra, reforça ou atenua a argumentação, conforme Ducrot (Flores, 2009). Desta forma, um modificador realizante aumenta a força argumentativa, enquanto que um modificador desrealizante a diminui.
16. Tradução nossa. Original: “Dès lors que personne ne s’attendait à un miracle, ce manque d’ambition n’est pas une surprise.”
17. Tradução nossa. Original: “Pour avancer, en effet, les négociations climatiques multilatérales ont besoin de deux moteurs: un groupe de pays leaders et des financements qui témoignent de leur détermination. Les deux font aujourd’hui défaut.”
18. Tradução nossa. Original: “Il n’y avait pas grand-chose à attendre des Etats-Unis, qui n’ont jamais été en pointe sur ces questions et qui sont plus préoccupés par leur élection présidentielle que par l’économie verte et la crise écologique. Pas plus du Canada, qui partage cette attitude très conservatrice. Pas davantage de la Chine et de l’Inde, qui ont été d’une remarquable discrétion.”
19. Tradução nossa. Original: “L’Europe, en particulier, semble avoir abandonné toute velléité de leadership en la matière. Engluée dans la crise de la zone euro, tétanisée par

sa croissance en berne, sans ressort financier, elle s'est retrouvée isolée dans les négociations."

20. Conforme Ducrot (Flores, 2009), trata-se da relação entre dois argumentos que apresenta um argumento para uma conclusão e outro argumento mais forte do que o anterior para a mesma conclusão.

21. Tradução nossa. Original: "Engluée dans la crise de la zone euro, tétanisée par sa croissance en berne, sans ressort financier, elle s'est retrouvée isolée dans les négociations. Privée de son pouvoir d'influence, elle s'est montrée incapable de tirer vers le haut un texte final qui rabâche constats et engagements déjà anciens et ne formule pratiquement aucune proposition concrète nouvelle."

22. Tradução nossa. Original: "Ils ne sont donc pas près d'être à nouveau interpellés sur leur inaction."

23. Tradução nossa. Original: "Rude constat, vingt ans après l'emblématique Sommet de la Terre, qui, dans la même ville, avait posé les bases d'une politique de développement soucieuse de la préservation des ressources du globe."

24. Tradução nossa. Original: "Mais cela s'est fait par le bas, en supprimant purement et simplement tous les passages du projet de déclaration finale qui suscitaient des oppositions. Et en ne conservant que les pétitions de principe générales et consensuelles. Dès lors que personne ne s'attendait à un miracle, ce manque d'ambition n'est pas une surprise."

25. Tradução nossa. Original: "Quant aux pays du Sud, regroupés au sein du "G77", ils ont bien tenté un coup de force, à la veille de la conférence, en exigeant des pays riches qu'ils s'engagent à mettre sur la table 30 milliards de dollars par an jusqu'en 2017 et 100 milliards au-delà pour financer de nouveaux programmes."

26. A Réseau Action Climat é a representante francesa da Climate Action Network International, uma rede global de mais de 700 ONGs de 90 países cujo objetivo é incentivar os governos e os cidadãos a tomarem medidas para limitar o impacto das atividades humanas sobre o clima.

BIBLIOGRAFÍA

- ALCARAZ, L. (2012) El cambio climático em la prensa local. Agenda informativa, valores noticiosos y encuadres periodísticos em dos diarios Argentinos en Razón y Palabra, n. 80. Monterrey, México..
- BAKHTIN, M. (2002) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência*

da linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec.

- BARROS FILHO, C.; THORNTON, R. (2002) Política e Opinião: dos números às letras em Barros Filho, C. (comp.), *Comunicação na Pólis: ensaios sobre mídia e política*, 247-268. Petrópolis: Ed. Vozes.
- BARROS FILHO, C. (1995) *Ética na comunicação - da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna.
- BARROS FILHO, C. (2008) *Ética na Comunicação - Revista e Atualizada*. São Paulo: Summus.
- BENETTI, M. (2008) *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos* em Lago, C.; Benetti, M. (comp.), *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, 110-122. Petrópolis: Vozes.
- BERGER, C. O Caso Aracruz. (2006) Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo) em *UNL revista*, vol. 1, nº 3. São Leopoldo, Brasil.
- BOURDIEU, P. (2003) A opinião pública não existe em Bourdieu, P. *Questões de sociologia*, 233-248. Lisboa: Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.
- FAUSTO NETO, A. (1999) *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores.
- FLORES, V. (2009) *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto.
- FLÔRES, V. (2013) *RIO+20: análise comparativa das coberturas dos jornais Le Monde e Folha de S. Paulo*. 2013. Lajeado: Centro Universitário Univates.
- MCCOMBS, M. (2009) *A Teoria da Agenda: A mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MOLINA, M. (2008) *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Ed. Globo.
- PILAGALLO, O. (2012) *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas.

303

IDENTIFICACION DE AUTORES

Vinicius Flores

Brasileño.

Licenciado en periodismo por lo Centro Universitario

Univates. Investigador voluntario en el grupo de

investigación Práticas Ambientais, Comunicação, Educação

e Cidadania de lo Centro Universitario Univates. Afiliação:

Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul,
Brasil.

Área de especialidad: Periodismo y medio ambiente

E-mail: vinidsf@gmail.com

Jane Mazzarino.

Brasileña.

Doctora en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de Vale do Rio dos Sinos, con prácticas de doctorado en la Universidad Nova de Lisboa. Docente en el Programa de Medio Ambiente y Desarrollo de Posgrado y cursos de graduación en Comunicación Social de Centro Universitário Univates. Afiliación: Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil.

Área de especialidad: comunicación, ciudadanía y desarrollo socioambiental.

E-mail: janemazzarino@gmail.com

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO:

FLÔRES, Vinícius y MAZZARINO, Jane. "Tribunal de los medios. Análisis de los editoriales de Le Monde y Folha de S.Paulo" en *La Trama de la Comunicación*, Volumen 19, Anuario del Departamento de Ciencias de la Comunicación. Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales, Universidad Nacional de Rosario. Rosario, Argentina. UNR Editora, enero a diciembre de 2015, p. 285-304. ISSN 1668-5628 - ISSN digital 2314-2634.

304

FECHA DE RECEPCIÓN: 16/06/2014

FECHA DE ACEPTACIÓN: 03/09/2014